

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

Ana Carolina dos Santos Bortolini

**Trabalho Imaterial e Redesenhos do Espaço Doméstico:
Homeofficing como Estratégia de Viver a Vida**

**Porto Alegre
2017**

Ana Carolina dos Santos Bortolini

**Trabalho Imaterial e Redesenhos do Espaço Doméstico:
Homeofficing como Estratégia de Viver a Vida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carmem Ligia Iochins Grisci

**Porto Alegre
2017**

Ana Carolina dos Santos Bortolini

**Trabalho Imaterial e Redesenhos do Espaço Doméstico:
Homeofficing como Estratégia de Viver a Vida**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carmem Ligia Iochins Grisci

Conceito final:

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ana Elísia da Costa – PROPAR/UFRGS

Prof^a. Dr^a Elaine Di Diego Antunes – PPGA/UFRGS

Prof^a. Dr^a Andrea Poleto Oltramari – PPGA/UFRGS

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carmem Ligia Iochins Grisci

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro e incentivo à pesquisa, à minha orientadora Carmem Grisci, por me acolher no escuro e trazer luz ao meu caminho, pela paciência e elegância, pela inspiração que se confunde entre os limites do trabalho e da vida; às professoras Ana Elísia Costa, Elaine Antunes e Andrea Oltramari, aos demais professores pelas referências compartilhadas, aos informantes-chave, aos familiares, aos amigos, aos colegas e, finalmente, a Deus.

RESUMO

O presente estudo buscou identificar e analisar interferências do trabalho imaterial em redesenhos do espaço doméstico e sua possível ilustração de uma estratégia de viver a vida. Para tanto, procedeu-se à construção e análise de um *corpus* de pesquisa, composto pelo conteúdo de 52 edições impressas do Caderno Casa&Cia, veiculadas entre agosto de 2015 e julho de 2016, e de entrevistas semiestruturadas realizadas com informantes-chave. A apresentação e análise dos resultados foi integrada em três categorias, concebidas *a posteriori*: (i) visibilização da temática no Caderno Casa&Cia; (ii) redesenhos do espaço doméstico e (iii) *homeofficing*: uma estratégia de viver a vida. Destaca-se que na progressão em que o trabalho é realizado em qualquer tempo e em qualquer espaço, é possível visibilizar efetiva interferência do trabalho imaterial em redesenhos do espaço doméstico, de modo a torná-lo suficientemente estimulante e eficiente para a produtividade e rentabilização do indivíduo, de seu tempo e de seu espaço. Tal interferência ilustra uma estratégia de viver a vida de modo que *home office*, de substantivo concreto se amplia na forma de ação, “fazer *home office*” – *homeofficing* –, indicando trabalho ininterrupto, que deixa de ocupar tempos e espaços específicos para ocupar a integralidade da vida.

Palavras-chave: Trabalho Imaterial. Redesenhos. Espaço Doméstico. *Homeofficing*.

ABSTRACT

The present research sought to identify and analyze the immaterial work interferences in domestic space redesigns and some possible illustration of a living strategy. A research corpus was created and analyzed, consisting on the contents of 52 editions of Caderno Casa & Cia, published between august 2015 and july 2016, beyond the transcribed interviews with key informants. The results were integrated in three categories, conceived *a posteriori*: (i) theme's visualization in Caderno Casa&Cia; (ii) domestic space redesigns and (iii) *homeofficing*: living strategy. It is noted that while the work is carried out in any time and any space, it is possible to visualize effective immaterial work interferences in domestic space redesigns, in order to make it stimulating and efficient for individual profitability, its time and space. This illustrates a living strategy when the noun *home office* broadens in the form of action, - *homeofficing* - indicating uninterrupted work, that no longer occupy specific times and spaces, but the integrality of life.

Keywords: Immaterial Work. Redesign. Domestic space. *Homeofficing*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – LINEARIDADE DO TEMPO E DO ESPAÇO.....	13
FIGURA 2 - EXEMPLARES DE ESTILOS ARQUITETÔNICOS	15
QUADRO 1 – INFORMANTES-CHAVE	19
GRÁFICO 1 – DISTRIBUIÇÃO DO TOTAL DE REFERÊNCIAS POR MÊS.....	20
QUADRO 2 – DISTRIBUIÇÃO DO TOTAL DE REFERÊNCIAS POR FORMA DE APRESENTAÇÃO E LINGUAGEM	21
FIGURA 3 – HABITANTES I.....	25
FIGURA 4 – HABITANTES II.....	26
FIGURA 5 – HABITANTES III.....	27
FIGURA 6 - FRONTEIRAS E MULTIFUNCIONALIDADES I.....	29
FIGURA 7 – FRONTEIRAS E MULTIFUNCIONALIDADES II.....	30
FIGURA 8 – FRONTEIRAS E MULTIFUNCIONALIDADES III	31
FIGURA 9 – TENDÊNCIAS.....	33
FIGURA 10 – HOMEOFFICING I	35
FIGURA 11 – HOMEOFFICING II	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DA LITERATURA	12
2.1 VIVER, TRABALHAR E HABITAR NA MODERNIDADE SÓLIDA.....	12
2.2 VIVER, TRABALHAR E HABITAR NA MODERNIDADE LÍQUIDA	13
3 CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS DE PESQUISA	17
3.1 FONTES DOCUMENTAIS	17
3.2 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.....	18
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	20
4.1 VISIBILIZAÇÃO DA TEMÁTICA NO CADERNO CASA&CIA	20
4.2 REDESENHOS DO ESPAÇO DOMÉSTICO	22
4.2.1 Habitantes.....	22
4.2.2 Fronteiras e multifuncionalidades	28
4.2.3 Tendências	31
4.3 <i>HOMEOFFICING</i> : UMA ESTRATÉGIA DE VIVER A VIDA.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE A – ROTEIRO BÁSICO DE ENTREVISTA COM INFORMANTES-CHAVE .	42
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO	43

1 INTRODUÇÃO

Por sua temática, relativa a modos de viver, trabalhar e habitar, o presente estudo associa-se aos esforços de investigação de outros três estudos em andamento: Trabalho Imaterial, Gestão e Subjetividade e a Estratégia de Inventar a Vida (GRISCI, 2014); Trabalho Imaterial e Espaço Doméstico Contemporâneo: uma análise a partir da Revista Casa Cláudia [2006-2016] (GRISCI *et al.* 2016); e Trabalho Imaterial e Espaço Doméstico Contemporâneo: um olhar sobre a realidade lisboeta (GRISCI; BORTOLINI, 2016).

Da produção em massa à produção enxuta, do emprego formal ao trabalho flexível, do peso do aparato burocrático à fluidez da informação instantânea, transformações nos modos de trabalhar são também transformações nos modos de viver, ao passo que ressignificam a experimentação de tempo e espaço.

Na modernidade sólida (BAUMAN, 2001, 2008, 2009, 2011), família, escola e trabalho delimitavam-se e distinguiam-se na concretude de suas fronteiras espaço-temporais, cuja sustentação era um dos “vícios mais ubíquos, resistentes e inexoráveis” (BAUMAN, 2001, p. 132). A grandeza territorial e a opulência patrimonial evidenciavam a relevância do espaço sobre o tempo. A vida associava-se à fixidez, à estabilidade familiar e profissional e o trabalho realizava-se no encontro face a face, restrito aos muros e às rotinas fabris.

Na modernidade líquida (BAUMAN, 2001, 2008, 2009, 2011), qualquer limite é um obstáculo a ser eliminado em favor da mobilidade, da mudança, da lógica do aqui e agora. Na sociedade líquido-moderna, a vida é apressada e não há tempo para consolidação de quaisquer certezas sobre o futuro. As condições são temporárias, as formas maleáveis, passíveis de remodelagem, assim como os indivíduos, em constante movimento, sempre mudando e prontos a novas mudanças. Na vida líquida, mudar é tanto um dever quanto uma necessidade (BAUMAN, 2008, 2009, 2011).

A informatização e automatização dos sistemas através dos quais o trabalho é planejado, organizado e executado, mais evidentes no Brasil entre as décadas de 1980 e 1990, ainda reverberam os efeitos da flexibilização das fronteiras institucionais, da precarização, terceirização e extinção permanente de postos de trabalho (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009; KOVÁCS e CASTILLO, 1998).

Sob a noção de trabalho imaterial, que se vale da subjetividade como condição indispensável à produção (GRISCI, 2006; LAZZARATO e NEGRI, 2001), o indivíduo é demandado nas dimensões da sua autonomia, polivalência, criatividade (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009; GRISCI, 2008) e “satisfaz uma demanda ao mesmo tempo que a constitui” (LARRAZATO e NEGRI, 2001, p. 47).

As atividades atinentes ao trabalho imaterial não se limitam a quantificações padronizadas e a fronteiras espaço-temporais predeterminadas (GORZ, 2005; GRISCI, 2006; LAZZARATO e NEGRI, 2001). Sob forma de rede e fluxo, atividades associadas à "produção audiovisual, publicidade, moda, produção de *softwares*, fotografia, atividades culturais" (LAZZARATO E NEGRI, 2001, p. 45) são acentuadas na forma da produção imaterial e definidas através da relação particular que mantêm com o mercado e seus consumidores.

Como único responsável por seus êxitos e fracassos, o indivíduo está no exercício contínuo de uma contabilidade existencial, em que a vida se torna um plano de carreira, consagrada à gestão da sua empregabilidade e do seu capital-competência (GAULEJAC, 2007). Trata-se de uma vida fragmentada na obsolescência e no descarte de mercadorias, inclusive do próprio indivíduo que, aliciado a uma estratégia existencial consumista (BAUMAN, 2008), promove-se como uma mercadoria vendável e rentável.

Apesar de o binômio casa-trabalho estar relacionado à origem dos ofícios, tão ativo na época dos artesãos, o trabalho tende a ocupar novamente o espaço doméstico, pela proliferação do teletrabalho e pela incorporação de espaços como *home offices* às plantas residenciais (MENDONÇA, 2010). Estima-se que cerca de 100 milhões de pessoas no mundo trabalhem em casa¹, das quais 20 milhões estão situadas no Brasil² sob diferentes modalidades e vínculos de trabalho.

Sob a forma de *bits*, não se restringe aos limites dos *home offices* sendo realizado em qualquer parte da casa que reúna as condições que atendam suas necessidades. Nem mesmo o lar³, “lugar de tirar a armadura e desfazer as malas,

¹ ILO Home Work Convention and the Rights of Homeworkers (C177). Março, 2012.

² Segundo dados do IBGE, da Sociedade Brasileira de Teletrabalho e Teleatividades (SOBRATT) e da SAP Consultoria, há cerca de 12 milhões de teletrabalhadores no Brasil. O teletrabalho é uma das formas mais difundidas de flexibilização, pois é realizado fora da organização por meio de recursos tecnológicos que permitem o acesso e o compartilhamento de informações em tempo real.

³ Do latim, *Lares*, deuses romanos protetores das casas e das famílias, simbolizados pelo fogo utilizado para cozinhar e aquecer.

em que nada precisa ser provado e defendido” (BAUMAN, 2011, p.80) se mantém imune a esta lógica, tomado por elementos que não dizem respeito, necessariamente, à sua natureza intimista.

Redesenhos de espaços domésticos são pensados de modo a otimizá-los (GODOY, FERREIRA e SANTOS, 2015; REQUENA, 2007; TRAMONTANO, 1997; 1998; TRAMONTANO e NOJIMOTO, 2003), torná-los suficientemente estimulantes e eficientes para a produtividade e rentabilização do indivíduo, o que inclui o abrigo do trabalho que se estende para além das fronteiras organizacionais.

Frente a isso, a fim de verificar a existência de estudos dedicados à temática relativa a modos de viver, trabalhar e habitar, realizou-se um levantamento preliminar nas bases de dados ANPAD, CAPES, EBSCO e SCIELO, considerando o período compreendido entre 1990 e 2016. Destacaram-se os trabalhos realizados nas áreas da Arquitetura e do *Design*, nas produções de Tramontano (1997, 1998), Mendonça (2010) e Pinto Júnior (2011, 2013), além das pesquisas do Núcleo de Estudos de Habitares Interativos da Universidade de São Paulo (NOMADS.USP), dedicado ao estudo do habitar contemporâneo sob uma perspectiva interdisciplinar.

No âmbito da Administração, foram identificados estudos que tangenciam a temática, especificamente associados ao teletrabalho (BARBOSA, MARANHÃO e PEREIRA, 2014, 2015; BARROS e SILVA, 2010; COSTA, 2003, 2007). Nenhum registro, no entanto, aludiu à perspectiva do presente trabalho.

Ao considerar as relações entre os modos de viver, trabalhar e habitar, apresentou-se a seguinte questão de pesquisa: **como a atual apresentação do trabalho, sob a noção de trabalho imaterial, interfere no redesenho do espaço doméstico? Pode tal interferência ilustrar uma estratégia de viver a vida?**

Para tanto, propôs-se como objetivo geral identificar e analisar interferências do trabalho imaterial em redesenhos do espaço doméstico e sua possível ilustração de uma estratégia de viver a vida. Especificamente, considerou-se apresentar e analisar tais redesenhos a partir de material veiculado no Caderno Casa&Cia e da visão de profissionais da área.

A seguir, encontram-se a revisão da literatura, a descrição da construção e da análise do *corpus* de pesquisa, os resultados obtidos e as considerações finais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Embora apresentadas separadamente, as dimensões teóricas adotadas são complementares entre si.

2.1 VIVER, TRABALHAR E HABITAR NA MODERNIDADE SÓLIDA

Na modernidade sólida (BAUMAN, 2001, 2008, 2009, 2011), as rígidas fronteiras institucionais definiam os limites entre família, escola e fábrica. A relevância do espaço sobre o tempo visibilizava-se em um ideal de vida associado à fixidez e à estabilidade. Hábitos nômades e a falta de um endereço fixo eram critérios de discriminação e exclusão.

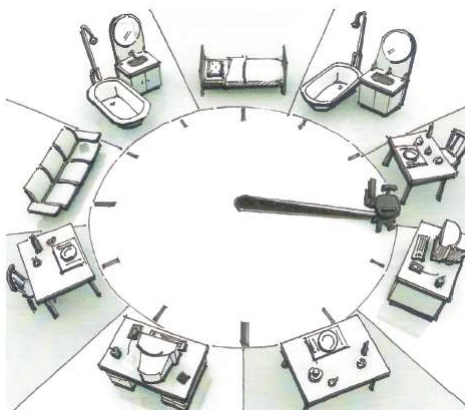
No núcleo familiar tradicional, os homens deslocavam-se aos locais em que o trabalho, restrito ao interior dos muros da fábrica e circunscrito ao cumprimento métrico e rotinizado de regras e procedimentos, mostrava-se reflexo do peso do aparato burocrático característico do modelo de produção vigente (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009; KOVÁCS e CASTILLO, 1998).

As mulheres, por sua vez, encarregavam-se das atividades domésticas e familiares, no reduto dos lares ainda associados ao espaço íntimo da família, de proteção e conforto, de memória e afeto (LEITÃO, 2002). A atmosfera racionalista da industrialização manifestava-se na segmentação e especialização do espaço doméstico, tripartido em setores sociais, íntimos e de serviços (PINTO JÚNIOR, 2011; TRAMONTANO, 1997; 1998; VERÍSSIMO e BITTAR, 1999), que garantiam universos privativos entre moradores, visitantes e empregados.

O adensamento demográfico nas cidades contribuiu, sobremaneira, para a consolidação da vida urbana. Os trabalhadores das fábricas constituíram as primeiras vilas operárias, em contraste com os palacetes neoclássicos, cujos setores sociais serviam de palco aos rituais de receber e comer, cuidadosamente diferenciados dos setores íntimos e de serviços. Como o único espaço da casa onde se admitia o visitante e havia a transição entre o exterior e o interior, o setor social – sala de estar, sala de jantar, sala de música, de baile – era onde se encontrava o melhor mobiliário, buscando expor as posses, o asseio e a disciplina da família para os visitantes, “refletindo tempos do ecletismo, quando o ser era decorrência do ter” (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999, p.26).

Compreendido e vivido sob uma perspectiva linear, o tempo processava-se em ações e movimentos sucessivos, segmentados em início, meio e fim, em ambientes devidamente delimitados e destinados a atividades específicas, como ilustra a Figura 1.

Figura 1 – Linearidade do tempo e do espaço



Fonte: Mendonça (2010)

À medida em que a vida líquida é conduzida pela aceleração e pela mobilidade, o tempo assume relevância sobre o espaço. tem-se um emaranhado do tempo, informal e plástico, uma variação infinita. Conforme Pelbart (1996), pensar o rizoma temporal é pensar o tempo como uma multiplicidade, uma simultaneidade.

Das transformações relativas à experimentação de tempo e espaço, se fazem notar nas transformações nos modos de viver, trabalhar e habitar na modernidade líquida, conforme apresentado a seguir.

2.2 VIVER, TRABALHAR E HABITAR NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Na modernidade líquida (BAUMAN, 2001, 2008, 2009, 2011), a flexibilização das fronteiras entre família, escola e fábrica refletem a fluidez e a mobilidade características da sociedade líquido-moderna. À medida em que o tempo passa a deter relevância sobre o espaço, testemunha-se uma vida líquida,, uma reviravolta do nomadismo sobre a fixidez e o assentamento, em que a riqueza associa-se à leveza e “bens volumosos mais parecem um lastro irritante do que uma carga preciosa” (BAUMAN, 2008, p.45).

Paralelamente, a diversificação das relações e dos arranjos familiares, que cedem espaço à autonomização de seus membros, famílias monoparentais, uniões

livres, pessoas sozinhas, coabitações e toda a ordem de combinações emergentes⁴.

“Pergunte-se o que é realmente uma família hoje em dia? O que significa?” (BAUMAN, 2001, p.14). Redistribuição e realocação dos "poderes de derretimento" da modernidade. Primeiro, eles afetaram as instituições existentes, as molduras que circunscreviam o domínio das ações-escolhas possíveis, como os estamentos hereditários Configurações, padrões de dependência e interação, tudo foi posto a derreter, para ser depois novamente moldado e refeito; essa foi a fase de "quebrar a forma" na história da modernidade inerentemente transgressiva, rompedora de fronteiras e capaz de tudo desmoronar.

O trabalhador, sujeito ativo do trabalho, é demandado nas suas dimensões corporais, intelectuais, afetivas. Torna-se, concomitantemente, produto e produtor (GAULEJAC, 2007; GRISCI, 2006; GORZ, 2005). Ao mesmo tempo em que produz subjetividade e valor econômico, o trabalho imaterial supera as barreiras entre economia, poder e saber (LAZZARATO e NEGRI, 2001).

Antes voltados à produção, os indivíduos da sociedade líquido-moderna voltam-se ao consumo, “quando o ‘querer’ passa a sustentar a economia do convívio humano” (BAUMAN, 2008, p.38), que prospera na perpetuação da não-satisfação dos indivíduos. Trata-se de uma vida fragmentada na obsolescência e no descarte de mercadorias, inclusive do próprio indivíduo que, lançado à estratégia existencial consumista, é aliciado a promover-se como uma mercadoria vendável e rentável.

Para tanto, fazem o máximo possível e usam os melhores recursos que têm à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajadas a colocar no mercado, promover e vender são *elas mesmas* (BAUMAN, 2008, p. 13, grifo do autor).

Após a Segunda Guerra, há uma intensificação da arquitetura moderna no Brasil, com destaque para a produção arrojada de Oscar Niemeyer. Os ares de progresso trazem o *american way of life* como novo referencial de costumes e as famílias se abrem ao consumo e a todo o equipamento que lhes dava suporte,

[...] difundidos, sobretudo, pelo mais poderoso e abrangente meio de comunicação de que se havia tido notícia: *Hollywood*, máquina perfeita na divulgação da maneira de morar americana, que incluía o marido no papel do forte, inteligente, lógico, consistente e bem-humorado provedor, e a

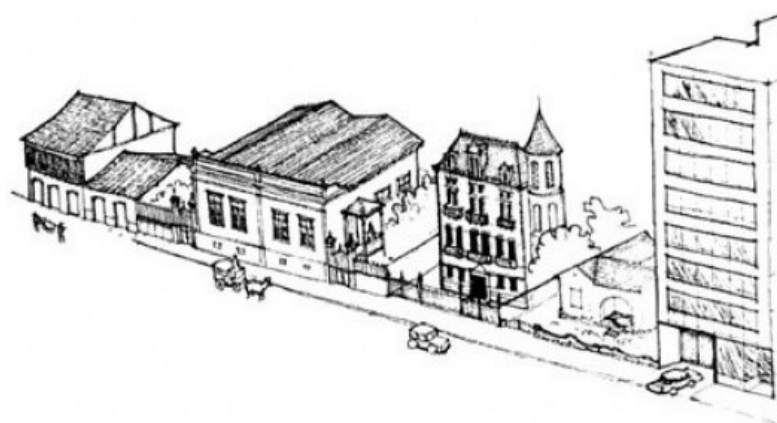
⁴ A composição das famílias brasileiras distribui-se em: 47,3% casais com filhos; 17,4% casais sem filhos; 17,4% mulheres solteiras com filhos; 11,5% pessoas sozinhas; 6,2% outros tipos. Fonte: Censo IBGE (2010).

esposa, no da intuitiva, dependente, sentimental, mas sempre satisfeita gerenciadora de uma habitação impecavelmente limpa, agora elevada à categoria de bem de consumo (TRAMONTANO, 1997, p. 2)

Conforme Pinto Júnior (2011, 2013), o surgimento de revistas de arquitetura dedicadas ao grande público, como Casa e Jardim, na década de 1950, e Casa Cláudia, na década de 1970, representou o estabelecimento de uma cultura de morar ligada ao espaço doméstico, sob os conceitos de funcionalidade e pureza das formas. Todo, ou quase todo o conteúdo das revistas estava ligado à divulgação de produtos, pelo uso de imagens de eletrodomésticos e automóveis, sugerindo novos modos de existência (DELEUZE, 1992) pela pluralidade de possibilidades que passaram a se apresentar aos indivíduos.

Com a intensificação do adensamento urbano e da verticalização (Figura 2), especialmente na década de 1970, lança-se a semente da especulação imobiliária, em que a arquitetura é produzida em série por construtoras que começam a dominar o mercado utilizando a mídia como instrumento de persuasão. Aproveitam as condições das grandes cidades e investem na propaganda de novos programas de habitação: apartamentos com varandas, condomínios fechados, agregando uma diversidade de facilidades para os moradores (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999).

Figura 2 - Exemplos de estilos arquitetônicos



Fonte: Veríssimo e Bittar (1999)

Contato face a face possibilitado pelo acesso direto à rua ao contato intermediado no espaço virtual. pode-se observar a ampliação das aberturas para o mundo exterior indicando o esmaecimento das fronteiras relativas aos espaços e a maior exposição, com mínima interferência de barreiras visuais entre o dentro e o fora.

As novas mídias trouxeram a promessa de ampliar as facilidades da sociedade tecnocrata, à medida que expandiram as condições de trabalho, inclusive no espaço doméstico (TRAMONTANO, PRATSCHE e MARCHETTI, 2002), se fazendo notar pela proliferação de espaços multifuncionais (GODOY, FERREIRA e SANTOS, 2015) pensados para garantir a otimização tanto do espaço como do morador.

O estudo de Villa (2006) aponta que as propagandas de lançamentos dos edifícios de apartamentos produzidos em São Paulo nestes primeiros anos do século 21 enfatizam, principalmente, o bem-estar e uma maneira de viver considerada saudável, prática e moderna. Os nomes dos empreendimentos sugerem estilos de vida – *São Paulo Fashion Hall, Hype, The Dream, Soft Loft, Modus Vivendi Jardins* – reforçando a tendência de constituir uma cultura do morar.

A liberdade de se relacionar em uma esfera virtual prescinde progressivamente de tempos fixos e espaços físicos. Até mesmo o lar, espaço de refúgio, “teve as proteções desmanteladas, inteiramente à mercê das marés que açoitam o resto da vida” (BAUMAN, 2001, p. 197).

A seguir, apresenta-se o caminho percorrido para a elaboração do presente estudo.

3 CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS DE PESQUISA

De natureza exploratória e qualitativa, a presente pesquisa desenvolveu uma visão aproximativa acerca de uma temática pouco explorada, especialmente nos estudos da Administração, propondo-se à elaboração de hipóteses mais claras e precisas (GIL, 2008; MINAYO *et al.*, 1994) para estudos futuros.

De modo a identificar e selecionar elementos pouco conhecidos, procedeu-se à construção do *corpus* de pesquisa, processo interativo e sistemático de coleta de materiais qualitativos previamente determinados pela pesquisadora, segundo sua relevância, homogeneidade, sincronicidade e saturação (BAUER e AARTS, 2002). Ao mesmo tempo em que possui uma coerência lógica, a elaboração do *corpus* guia a pesquisa para o “*tipo* de justificação frequentemente posto em prática na vida cotidiana” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p.57, grifo dos autores).

O *corpus* de pesquisa foi construído no período de julho a dezembro de 2016 e analisado com base na temática relativa a modos de viver, trabalhar e habitar, nos objetivos e no contexto espaço-temporal da pesquisa, em uma série de vaivéns entre dois tipos de fontes, apresentados a seguir.

3.1 FONTES DOCUMENTAIS

As fontes documentais possibilitam garantir e legitimar evidências que, a partir do olhar do pesquisador, servem à formulação e à sustentação de hipóteses. Além do conteúdo dos registros, considera-se o contexto espaço-temporal em que são produzidos e publicizados (PRIOR, 2004; SCRIBANO e DE SENA, 2009).

A exemplo dos procedimentos metodológicos adotados por Eccel, Grisci e Tonon (2010), Flach *et al.* (2009), Frezza, Grisci e Kessler (2009), Grisci *et al.* (2015), em relação à análise de mídias populares, tomou-se como fonte documental o material veiculado no Caderno Casa&Cia, mídia especializada nos segmentos de arquitetura, decoração e *design*, com amplo alcance e acesso no contexto geográfico da cidade de Porto Alegre (RS) e arredores.

Veiculado há 17 anos como suplemento semanal do jornal Zero Hora⁵, o

⁵ Desde sua criação, em 1964, o referido jornal se destaca pela liderança em circulação impressa e audiência *online* no Rio Grande do Sul, sendo um meio de comunicação de amplo alcance, especialmente na cidade de Porto Alegre. Fonte: Instituto Verificador de Circulação (IVC).

Caderno Casa&Cia é considerado referência para profissionais e empresas do setor, com uma tiragem semanal de 190,3 mil exemplares nos estados do Rio Grande do Sul (RS) e Santa Catarina (SC), superior a revistas nacionais do segmento.

Para fins de análise, considerou-se o período de um ano da publicação, compreendendo um total de 52 edições, veiculadas entre agosto de 2015 e julho de 2016. De modo a explorar a pertinência e peculiaridades editoriais, procedeu-se ao mapeamento do material coletado, processo de construção e experimentação “conectável em todas as suas dimensões, reversível, modificável, em que se pode apenas marcar caminhos e movimentos” (DELEUZE, 1995, p.22).

O mapeamento compreendeu observações sistemáticas, leituras e análises dirigidas dos 52 exemplares impressos, delineando o próprio percurso da pesquisa à medida que possibilitou a visibilização de elementos alusivos à temática, bem como possibilidades de apreendê-los.

As referências identificadas foram progressivamente organizadas em planilha Excel por data e número da edição; título e subtítulo; seção; forma de apresentação e linguagem, conforme apresentado mais adiante no Quadro 2.

3.2 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Dado o caráter interativo da construção do *corpus* de pesquisa, priorizou-se maximizar o espectro de elementos encontrado no mapeamento das fontes documentais por meio de entrevistas semiestruturadas (BAUER E AARTS, 2002). À medida em que oportunizaram o compartilhamento de ideias e percepções entre a pesquisadora e os informantes-chave, as entrevistas possibilitaram o aprofundamento acerca de elementos pouco explorados (GASKELL, 2002).

Adianta-se que do mapeamento das fontes documentais foram identificadas 133 referências à temática. Para fins analíticos e ilustrativos, priorizou-se as referências que apresentaram projetos de redesenhos em espaços domésticos, concebidos e executados no contexto geográfico da pesquisa e que melhor elucidaram a natureza dos elementos encontrados no *corpus* de pesquisa.

Constituiu-se, assim, uma base de 30 projetos e seus respectivos profissionais responsáveis. Pela relação qualificada com a temática e representatividade dos projetos realizados, foram contatados oito potenciais participantes, dos quais cinco responderam afirmativamente ao convite, compondo

o conjunto de informantes-chave do estudo (Quadro 1). Para identificá-los, utilizou-se como pseudônimos abreviaturas alusivas à temática.

Quadro 1 – Informantes-Chave

Pseudônimos e Descrição
ART – Mulher, 37 anos, formada em Jornalismo. Trabalha há 12 anos como editora de mídias especializadas em Arquitetura, Decoração e Design.
BIO – Mulher, 50 anos, formada em Arquitetura. Trabalha há 30 anos na concepção e execução de projetos de reformas residenciais. Participa de programas de rádio e televisão relacionados aos segmentos de Arquitetura, Decoração e <i>Design</i> .
COR – Mulher, 32 anos, formada em Arquitetura e em <i>Design</i> de Interiores. Trabalha há 14 anos na concepção e execução de projetos residenciais e corporativos.
DEC – Mulher, 45 anos, formada em Arquitetura e Urbanismo. Trabalha há 24 anos na concepção e execução de projetos residenciais e de construção civil. Casada com ECO.
ECO – Homem, 52 anos, formado em Arquitetura e em Engenharia Civil. Trabalha há 26 anos na concepção e execução de projetos residenciais e de construção civil. Casado com DEC.

Fonte: Dados da pesquisa

As entrevistas ocorreram presencialmente, em datas, horários e locais definidos de acordo com a conveniência e a disponibilidade dos participantes. Conduzidas a partir do roteiro básico (Apêndice A), tiveram duração média de 45 minutos. Mediante leitura e assinatura do Termo de Consentimento (Apêndice B), foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

A análise de conteúdo considerou que “o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto, seja ele explícito e/ou latente” (MINAYO, 2003, p. 74).

O conteúdo do *corpus* de pesquisa foi agrupado, *a priori*, conforme elementos relativos a modos de viver, trabalhar e habitar, concernentes à literatura. Da análise do conteúdo, identificou-se categorias *a posteriori*, conforme a apresentação e análise dos resultados. Para fins analíticos e ilustrativos, priorizou-se as referências do Caderno Casa&Cia que melhor elucidaram a natureza do conjunto de redesenhos de espaços domésticos, bem como as falas que melhor expressaram a perspectiva dos informantes-chave.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

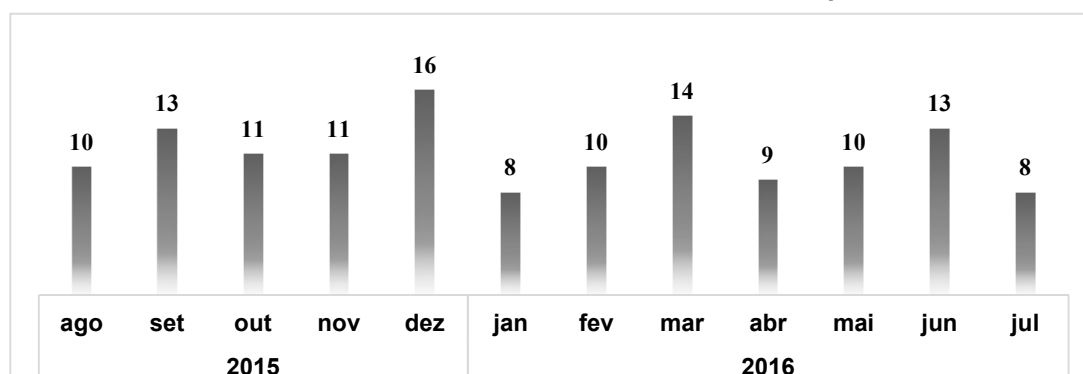
A apresentação e análise dos resultados integra-se em três categorias, concebidas *a posteriori*: (i) visibilização da temática no Caderno Casa&Cia; (ii) redesenhos do espaço doméstico: habitantes, fronteiras, multifuncionalidades e tendências; e (iii) *homeofficing*: uma estratégia de viver a vida.

4.1 VISIBILIZAÇÃO DA TEMÁTICA NO CADERNO CASA&CIA

Do mapeamento das 52 edições do Caderno Casa&Cia constatou-se que a publicação possui, em média, 10 páginas distribuídas entre matérias e anúncios publicitários direcionados tanto a profissionais dos segmentos de arquitetura, decoração e *design*, como a leitores interessados em construir, decorar e reformar seus espaços domésticos.

Foram identificadas e tabuladas 133 referências relacionadas à temática, cuja incidência mostrou-se regular para o período analisado, com decréscimo nos meses de janeiro e julho, tradicionalmente associados a recessos e férias escolares (Gráfico 1). As referências distribuem-se em matérias de Capa e conteúdo Editorial, seções semanais, e em seções temáticas intermitentes, que variam conforme o mote de cada edição.

Gráfico 1 – Distribuição do total de referências por mês



Fonte: Dados da pesquisa

Para fins de análise e apresentação, as referências encontram-se agrupadas, conforme visibiliza o Quadro 2.

Quadro 2 – Distribuição do total de referências por forma de apresentação e linguagem

Seção	Forma de apresentação	Linguagem			
		Texto e Imagem	Imagem	Texto	
Capa	Explícita	66,6% [32]	100% [32]	-	
	Implícita	33,3% [16]	75% [12]	25% [4]	-
Interiores	Explícita	61,1% [11]	100% [11]	-	
	Implícita	38,8% [7]	71,4% [5]	28,5% [2]	-
Arquitetura Decoração <i>Design</i>	Explícita	46,6% [7]	100% [7]	-	
	Implícita	53,3% [8]	-	75% [6]	25% [2]
Ambiente Profissional	Explícita	64,3% [9]	100% [14]	-	
	Implícita	53,3% [5]		-	
Editorial	Explícita	54,5% [6]	66,6% [4]	-	33,3% [2]
	Implícita	45,4% [5]	-	100% [5]	-
Colunas Contracapa	Explícita	30% [3]	66,6% [2]	-	33,3% [1]
	Implícita	70% [7]	71,4% [5]	-	28,5% [2]
Outras	Explícita	47% [8]	100% [8]	-	
	Implícita	53% [9]	66,6% [6]	-	33,3% [3]
TOTAL	Explícita	57,2% [76]	79,7% [106]	12,8% [17]	7,5% [10]
	Implícita	42,8% [57]			

Fonte: Dados da pesquisa [grifos da autora]

Em posição de destaque, as matérias de Capa ocupam as páginas centrais da publicação e tendem a ser mais extensas e abrangentes em relação ao conteúdo das demais seções. Na seção Interiores, destacam-se matérias sobre estética e *layout* de ambientes internos, ergonomia, luminosidade e acústica. As seções Arquitetura, Decoração e *Design*, aqui agrupadas por semelhança, apresentam projetos novos e reformas, itens de mobiliário e decoração, além de matérias sobre urbanismo e paisagismo. A seção Ambiente Profissional volta-se a projetos corporativos, em escritórios e espaços comerciais. Assinado pela editora do Caderno Casa&Cia, o Editorial caracteriza-se por textos curtos, dentre o resumo da edição, de eventos e tendências do segmento. Colunas e Contracapa predominam textos de opinião, entrevistas e tendências nos âmbitos nacional e internacional. Outras seções específicas, como Iluminação, Produtos e Sustentabilidade, não mostraram relação acentuada com a temática no sentido de potencializá-la, foram

agrupadas pela incidência reduzida de referências.

Visibilizou-se a relevância atribuída à temática pelo Caderno Casa&Cia na incidência de referências na totalidade das 52 edições analisadas, das quais 48 edições (92,3%) a contemplam na matéria de Capa. Além disso, conforme apresentado no Quadro 2, destacou-se sua apresentação sob a forma explícita (57,2% = 76) – primeiro plano, relação direta e evidente –, em relação à forma implícita (42,8% = 57) – segundo plano, relação indireta e subentendida. Isso ocorreu especialmente nas seções Capa, Ambiente Profissional, Interiores e Editorial. Ademais, a temática mostrou predominantemente linguagem associada de textos e imagens (106 = 79,7%). À exceção das seções Editorial e Colunas Contracapa, todas as referências explícitas apresentaram linguagem associada de texto e imagem.

Considera-se, enfim, que a visibilização da temática no Caderno Casa&Cia atesta a importância que lhe é atribuída como elemento de interesse do público ao qual se destina.

4.2 REDESENHOS DO ESPAÇO DOMÉSTICO

Conforme mencionado no item 3.2, priorizou-se a análise detalhada dos 30 projetos de redesenhos de espaços domésticos cujo conteúdo melhor elucidou a natureza dos elementos que compuseram o *corpus* de pesquisa.

Propositadamente, há de se falar em redesenhos do espaço doméstico, cuja flexão no plural alude à dinâmica de contínuos e sucessivos reinícios, característica da vida líquida anunciada por Bauman (2009).

Nas particularidades dos conteúdos das fontes exploradas, delineou-se três subcategorias concernentes a redesenhos do espaço doméstico: (i) habitantes; (ii) fronteiras e multifuncionalidades e (iii) tendências, apresentadas a seguir.

4.2.1 Habitantes

Os habitantes dos espaços domésticos analisados apresentaram características que se associam à vida vivida na sociedade líquido-moderna, o que possibilitou apreendê-los à luz da estratégia existencial consumista, referida por Bauman (2008).

A prevalência de indivíduos entre 28 e 40 anos pode estar relacionada, entre

outros aspectos, à representatividade deste grupo etário na população economicamente ativa (PEA)⁶, o que inclui seu expressivo potencial de produtividade e de consumo. Afinal, “a vida líquida é uma vida de consumo” (BAUMAN, 2009, p. 16), que flui na escala do avanço e da obsolescência de eventos e produtos, inclusive do próprio indivíduo que, aliciado a uma estratégia existencial consumista (BAUMAN, 2008), está em permanente autorreforma e promove-se como uma mercadoria vendável e rentável.

Continuamente conectados por *smartphones*, redes sociais e aplicativos de comunicação instantânea, indivíduos “*multitasking*” (MAIOLI, 2015, p.10) são rápidos na tentativa de garantir o frescor das novidades antes da sua defasagem.

Como afirmou COR,

os clientes querem prazos cada vez mais rápidos. Pra ontem! Pra agilizar obras acho fantástico esse retorno de informações! Antes demorava, tinha que ligar, falar com a secretária. Agora tu fala direto com a pessoa, mais rápido! Tu desenha uma coisa num papel, tira uma foto, taca no *Whatsapp*, manda pro engenheiro, tu já pega a resposta, envia pra outra pessoa... Acho tri bom, as coisas vão assim ó, na velocidade da luz (COR).

A diversificação e popularização de recursos tecnológicos mais performáticos reduzem progressivamente as distâncias e os limites entre vida íntima e trabalho, “ao aproximar e separar pessoas, conectá-las e desconectá-las, datá-las e deletá-las do diretório” (BAUMAN, 2008, p.116). Intermediadas pela tecnologia, as relações pessoais e profissionais confundem-se na virtualidade dos tempos e espaços em que são conduzidas e “tudo é escola, tudo é empresa, tudo é família” (PELBART, 2000, p.30).

Diante da volatilidade e efemeridade dos quadros de referência, ligações frouxas e compromissos revogáveis orientam o desafio de formar laços que não se processarão no longo prazo (BAUMAN, 2009; PELBART, 2000).

Nesse sentido, nota-se que os redesenhos voltam-se, predominantemente, a núcleos familiares enxutos, compostos por indivíduos sem filhos, solteiros e casais, com ou sem vínculo matrimonial.

Em relação ao trabalho dos habitantes, destacaram-se atividades associadas à noção de trabalho imaterial (LAZZARATO e NEGRI, 2001), dentre *chefs*,

⁶ Compreende o potencial de mão-de-obra com que pode contar o setor produtivo, entre a população ocupada e a população desocupada. Fonte: IBGE.

arquitetos, *designers*, jornalistas, publicitários, professores e artistas como reforçam ART e COR:

Hoje eu vejo que quem trabalha com criatividade, tendo seu computador, não precisa de uma estrutura, coisas assim. O que acontece muito são trabalhos mais fracionados, *freelancers*. Acho que o mercado, essa questão de terceirização empurra as pessoas a trabalhar mais em casa. Vai dizer, 15, 20 anos atrás, todo mundo que tinha uma empresa, tinha funcionário. Hoje em dia é muito caro ter funcionário. Muito caro! O jeito é viabilizar os orçamentos, senão as empresas não sobrevivem. E isso na área de criatividade é muito comum. Nesse meio o emprego é muito difícil. Às vezes, dependendo, se tu é bem relacionada, tu até ganha mais, de *job* em *job*, mas não existe emprego (ART).

Os clientes que têm um trabalho ligado à criatividade, têm um nível maior de exigência. Esse pessoal criativo se liga nas outras artes em volta de si, tem mais empolgação. Quando um publicitário tá me ligando, um *designer*, um músico, já mais ou menos sei qual a batida... Eu tive um cliente que fazia fotografias profissionais para anúncios de revistas. Esse cara tinha muita dificuldade de ir adiante porque o negócio tinha que ser perfeito, como as imagens que ele fazia. Era muito difícil trabalhar com ele. Se não tava tudo perfeito, ele ficava ansioso. Claro, ele fazia ambientes perfeitos no mundo virtual e tinha dificuldade de ver que as coisas fisicamente são mais limitadas. Tem a ver com o jeito que a pessoa lida com a minúcia (COR).

Desde suas concepções iniciais, os projetos são focados nos moradores, suas rotinas e desejos, nas peculiaridades, explícitas e implícitas, de suas referências, relações e aspirações.

Já no primeiro contato com a arquiteta, o jovem executivo do Vale dos Sinos solicitou “uma estética industrial, mas com um toque chique” (MAYNART, 2016a, p. 8) para seu *loft* de 100 metros quadrados. Lembranças de viagens serviram de inspiração para a escolha de materiais naturais e dos objetos de decoração. Dentre as alterações na planta baixa, a churrasqueira foi retirada para a ampliação da área e criação de um bar, ligado à cozinha e ao jantar por uma bancada *slim*. A estética industrial se faz notar nos revestimentos de tijolos de demolição na faixa de parede que acompanha o pé-direito duplo, cimento aparente no piso e no teto, estruturas vazadas e metálicas, móveis soltos, como os degraus da escada com base de ferro. Tonalidades sóbrias e persianas motorizadas ajudam a absorver a forte iluminação propiciada pelas amplas janelas. No mezanino, o dormitório é separado do banheiro por uma parede com detalhe vazado em vidro. O espelho reflete a imagem da mesa em frente à cama, que serve de apoio a uma luminária, um porta-retratos, um despertador e ao *smartphone* do morador. O toque chique fica por conta do lustre de cristal que contrasta com os demais elementos do ambiente.

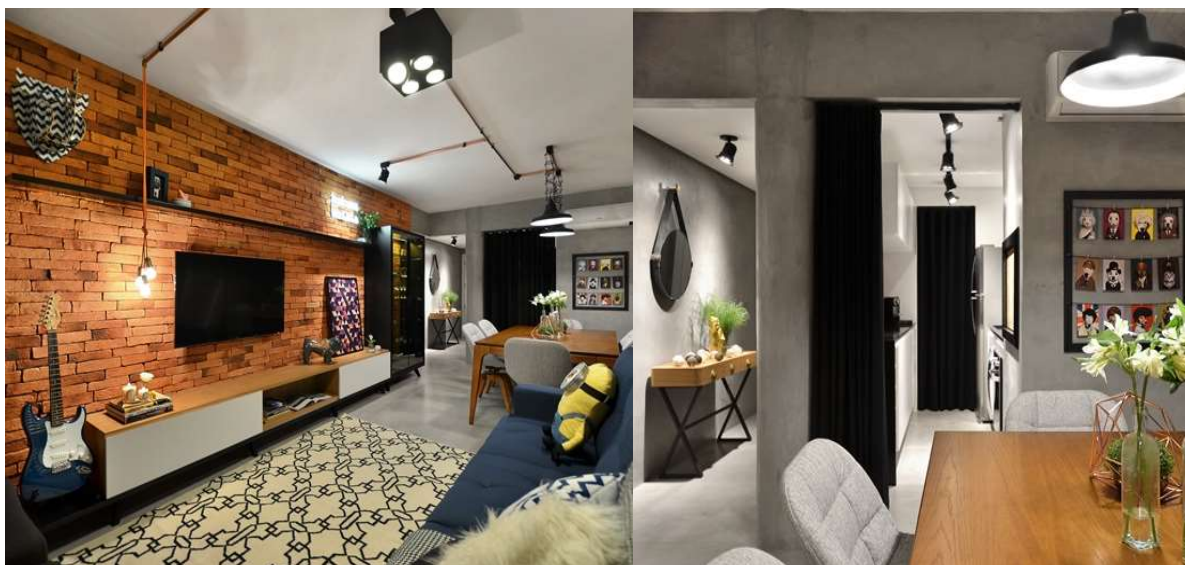
Figura 3 – Habitantes I



Fonte: BOHN, 2016a, p.8

O casal de irmãos, ela com 24 anos e ele com 18, queria um apartamento com “cara de estúdio e espaço para receber os amigos” (PRESTES, 2016, p.6). A arquiteta acabou envolvida no projeto ao mesmo tempo em que também montava seu lar. *Lofts* nova-iorquinos, luminárias francesas, tijolos catarinenses e tapetes orientais compõem o quadro de referências do imóvel de 75 metros quadrados, no bairro Mont’Serrat. Após a integração com a cozinha, a área do *hall* até o *living* parece maior. As paredes em tom de cimento mimetizam com o piso, sem corte visual e físico de rodapés, aumentando a sensação de amplitude. Cozinha, estar e lavanderia são separadas por cortinas pretas de linho. A iluminação da sala distribuiu-se em *spots*, trilhos e tubulações de cobre aparente e pode ser controlada por *smartphone*, inclusive sua temperatura de cor. Incrementam o ambiente um neon com a inscrição *hacuna matata*, a guitarra do rapaz ao alcance das mãos, um *Minion* de pelúcia, um quadro de *postcards* famosos, um espelho circular pendurado em um gancho por uma alça ao lado de um chapéu preto, além de plantas naturais e peças feitas à mão (Figura 4).

Figura 4 – Habitantes II



Fonte: BOHN, 2016b, p.6-7

De modo geral, os habitantes apreciam espaços ecléticos e descontraídos, com atmosfera jovial e despojada. Múltiplas referências, entre *souvenires*, peças *handmade*, itens *high tech*, elementos *vintage* e *post vintage*, configuram uma atemporalidade estética que caracteriza o estilo de vida de um “homem do mundo”, que “pode estar em Buenos Aires ou Paris” (PRESTES, 2015, p. 7). BIO e COR reforçam que

quando lançaram o apartamento JK, há 20, 30 anos, todo integrado, era uma coisa pra estudante. Não sei que nome dão hoje, mas o mais moderno é dizer *loft*. Porque ser estudante significa ser jovem, viver menos preso, com menos limites, menos regras. Aquilo de ter lugar certo para fazer cada coisa, hoje as coisas não são mais assim. As pessoas estão vivendo como estudantes, fazendo o que querem, no lugar que querem. Aí os ambientes acabam ficando mais misturados (BIO).

os clientes viajam muito, veem coisas legais e querem reproduzir. Ambientes de convivência mais agradáveis, com mais plantas, iluminação natural se possível, ambientes mais soltos, que não tenham tanta regra. Eu vejo que há um interesse em diversificar mais o uso do espaço... personalizar, fazer uma coisa não tão fria. Há um cuidado para que fique agradável e que a pessoa se sinta bem (COR).

No fluxo da “gourmetização doméstica” (PRESTES, 2015, p. 2), os habitantes apreciam preparar receitas e encontros com amigos e familiares, valorizando espaços amplos e dessetorizados, em especial, cozinhas e salas de jantar e estar integradas.

Apaixonado por gastronomia, o morador do apartamento de 84 metros quadrados, no bairro Chácara das Pedras, queria “uma grande área de trabalho” (SACCOMORI, 2015a, p.6) para cozinhar e receber visitas. O *hobby* se tornou uma segunda ocupação para o professor universitário, solteiro e sem filhos, que também atua como *personal chef* em eventos. A derrubada da parede entre *living* e cozinha favoreceu a comunicação visual e a circulação. Uma espaçosa bancada de inox foi criada para que ele possa testar pratos e compartilhar suas criações no *Instagram*. A área de trabalho também serve de apoio à vitrola, que embala o preparo das refeições ao som de discos de vinil. A parede ao fundo recebeu tinta fosca para recados em giz e estampa a face do pintor espanhol Salvador Dalí. Cadeiras de antiquário, caixas de som *vintage*, uma máquina de escrever e a réplica de um cofre de banco adornam o ambiente. No jantar, um vidro parece “sair” de dentro do espelho, apoiado em base de máquina de costura antiga (Figura 5).

Figura 5 – Habitantes III



Fonte: FREITAS, 2015, p. 6-7

A princípio tão somente associados ao lazer, os experimentos, testes e incrementos de receitas convertem-se em conteúdos que alimentam as redes sociais, espaços onde a exposição do indivíduo pode rentabilizá-lo na forma de trabalho imaterial (GORZ, 2005; GRISCI, 2006; LAZZARATO e NEGRI, 2001). Trata-se de uma forma de consumo compreendida como o ato de

investir na afiliação social de si próprio, o que, numa sociedade de consumidores, traduz-se em ‘vendabilidade’: obter qualidades para as

quais já existe uma demanda de mercado, ou reciclar as que já se possui, transformando-as em mercadorias para as quais a demanda pode continuar sendo criada (BAUMAN, 2008, p.75).

O redesenho em questão contemplou também um letreiro em neon com o nome da conta do morador no Instagram. De forma explícita, ele contém uma promessa de aumentar a atratividade de suas habilidades pessoais, condizentes com o trabalho imaterial do “*personal chef*”.

Contrapontos – leve e pesado, frio e quente, ousado e tradicional, trabalho e lazer, genuíno e suposto – apresentam-se simultaneamente, em uma relação não excludente. Nos projetos analisados, assim como se destaca a estética *clean*, inspirada no minimalismo escandinavo⁷, se destaca a estética industrial, inspirada na atmosfera rústica dos *lofts*⁸. Índícios de apego a elementos que remetem à solidez e à frieza do ambiente fabril, possivelmente assegurem recursos de manutenção de vínculos com a história, ainda que sejam simulacros, não pertencentes à memória dos habitantes.

4.2.2 Fronteiras e multifuncionalidades

Em que pese a progressiva redução dos espaços construídos (ELEB, 2011), os redesenhos ocorreram tanto em apartamentos como em casas, em imóveis de dimensões que variam entre 28 e 700 metros quadrados.

Em relação às solicitações dos habitantes, destacaram-se os redesenhos com obra civil⁹ em relação aos redesenhos sem obra civil e aos projetos novos, o que alude à derrubada de fronteiras. Para aproveitar cada centímetro e facilitar a mobilidade interna, paredes e divisórias são substituídas e eliminadas, redimensionando e integrando um ou mais ambientes. Como bem notara Bauman

⁷ Em razão dos longos e rigorosos períodos de frio e escuridão, a região da Escandinávia (Suécia, Noruega, Islândia, Dinamarca e Finlândia) desenvolveu um *design* que traz luminosidade e clareza para dentro dos ambientes, caracterizado pela simplicidade das formas, linhas retas, leves e harmonização entre sofisticação e funcionalidade.

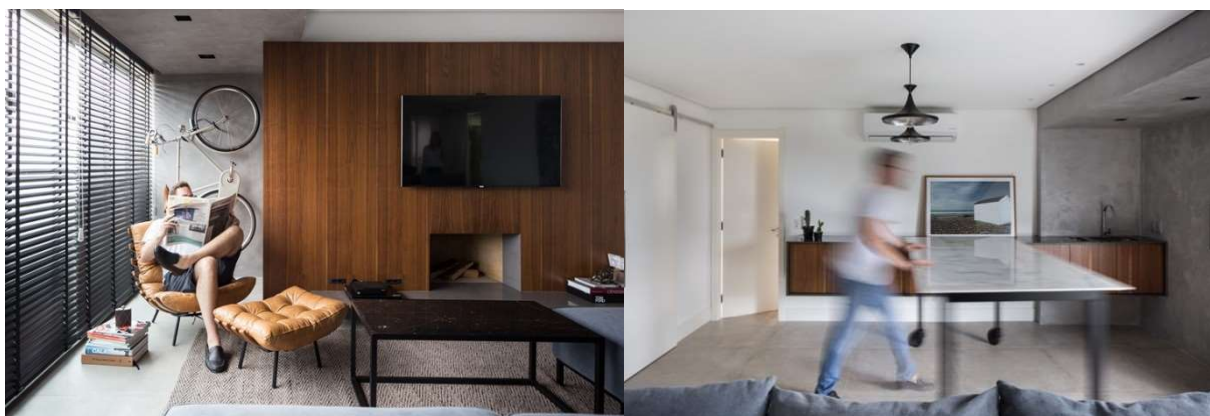
⁸ Originalmente se refere ao espaço semelhante ao sótão, usado para armazenagem, situado abaixo do teto de uma casa, fábrica, celeiro, galpão ou armazém. Consagrado pelo estilo de morar da Nova York de 1970 e 1980, o *loft* urbano compreende amplos e antigos espaços industriais, convertidos para uso residencial de artistas, profissionais liberais, publicitários e executivos, geração yuppie. Derivação da sigla inglesa YUP para *Young Urban Professional* ou Jovem Profissional Urbano.

⁹ Em projetos de redesenho com obra civil há alteração da planta baixa do imóvel por meio da derrubada de paredes e integração de um ou mais ambientes internos. Em projetos de decoração ou redesenho sem obra civil não há alteração da planta baixa do imóvel.

(2007), na vida líquida livrar-se das coisas tem prioridade sobre mantê-las.

Para contemplar momentos de descanso e convívio, o espaço, assim como o morador, mostra-se camaleônico, podendo mudar ao sabor da ocasião. Os desejos do proprietário do apartamento no bairro Jardim Europa eram “relaxar depois do trabalho e receber os amigos” (SACCOMORI, 2015b, p.6). “De lá para cá”, o jovem empresário pode relaxar perto da lareira, ler jornal ou algum dos livros empilhados no chão. A *bike* fixa na parede orna uma solução estética e funcional. “De lá para cá” (SACCOMORI, 2015b, p. 6), a mesa multifuncional recebeu rodízios industriais e pode ser conduzida sem esforço, conforme o uso. Mais do que preservar a identidade do habitante, o efeito *motion blur* induz, ao mesmo tempo, à suspensão e a movimento, ação, velocidade (Figura 6).

Figura 6 - Fronteiras e multifuncionalidades I



Fonte: DONADUSSI, 2015, p.7

Embora o movimento seja constante, a dinâmica dos redesenhos do espaço doméstico favorece o jogo curto e sugere reinícios indolores, associando-se às características da vida líquida (BAUMAN, 2009). Em contrapartida, os habitantes valorizam espaços para receber visitas com conforto e praticidade e que favoreçam o convívio e a interação familiar, especialmente quando possuem filhos pequenos. Como o casal que transformou um dos quartos do apartamento no bairro Central Park em um espaço para os brinquedos dos dois filhos pequenos. A vida social do casal é voltada para a casa, recebendo amigos com filhos também pequenos. A arquiteta usou sua experiência de mãe e propôs integrar o canto das crianças à sala, colocando abaixo a divisória do dormitório. Ainda que a bagunça pudesse comprometer o espaço, eles fizeram questão de “manter a sala bonita e organizada”

(MAYNART, 2016, p. 10), com as crianças ao alcance do olhar (Figura 7).

Figura 7 – Fronteiras e multifuncionalidades II



Fonte: EDLER, 2016, p.8.

Enquanto são integrados e ampliados os espaços de convívio, onde as famílias poderiam vir a se reunir e fortalecer laços (CORREA, 2004), os redesenhos são concebidos sob processos paramétricos (TRAMONTANO *et al*, 2015), a fim de possibilitar, também, que o trabalho alcance o espaço do lar.

Como alude ECO,

foi se tirando espaço desnecessário. Diminuiu tanto, que se ao invés de parede tu coloca um móvel, ganha o espaço da espessura da parede e vai ficar bom igual ou até melhor! Hoje, se for lançar alguma coisa, eu efetivamente ia lançar sem paredes. Fechado, só o banheiro. Se quiser botar cortina, parede, porta, quem morar que vai decidir (ECO).

Apoiada por avanços técnicos e pela difusão das plantas livres, a permeabilidade espacial também se faz notar em cobogós, portas de correr, biombos, cortinas, vidros, acrílicos, espelhos e suspensões, funcionando como fronteiras flexíveis e fluidas. Além de rentabilizar centímetros importantes, possibilitam setorizar e integrar, em um dinâmico jogo de mostra e esconde, sugerindo limites sutis entre os ambientes, mais do que os delimitando.

Figura 8 – Fronteiras e Multifuncionalidades III



Fonte: CEBRACE, 2016, p. 5; LIGNE, 2016 p.10; GROPPi, 2016, p. 12.

Em funções estratégicas e aparências variadas, a leveza de vidros, acrílicos e espelhos produz efeitos de prolongamento e extensão do olhar, continuidade espacial, ilusão de amplitude, profundidade, tridimensionalidade, ao fim e ao cabo, vertigem. O espelho tríptico assimétrico foi personalizado. Chamado Adonis, provoca dificuldade de diferenciação entre o ambiente em si e seu reflexo (Figura 8).

Os projetos, em geral, contêm luminárias/holofotes/*spotlights*/pontos de luz giratórios e flexíveis que podem mudar de posição conforme a conveniência do morador (Figura 8). Em *flashes*, elucidam a lógica do momentâneo, focando aquilo que merece ou deixa de merecer destaque no aqui e agora. Quando tudo se move – “de cá para lá” –, mais uma vez evidencia-se a estratégia da vida jogada no jogo curto.

4.2.3 Tendências

Como tendências associadas a modos de viver, trabalhar e habitar, na perspectiva do *freelancing* e das *startups*, destacaram-se matérias sobre *coworkings*, pensados para que profissionais trabalhem de forma independente, mas conectada, em ambientes de trabalho compartilhados. Observou-se, ainda, escritórios como recantos aconchegantes, propositalmente com proposta de casa, em que clientes e fornecedores exclamam que poderiam morar ali mesmo.

Orientada pela minimização do impacto ambiental das edificações, a arquitetura sustentável desdobra-se em conceitos como eco-arquitetura, construção

bioclimática, *retrofit*, *upcycling*. Ao prever o aproveitamento de materiais sem potencial aparente em novos produtos, transforma, literalmente, “lixo em luxo” (LASCHUK, 2016, p. 9).

Em matéria intitulada “*Fast is finished*” (MAIOLI, 2015, p.10), vislumbra-se a busca por uma vida mais simples, a exemplo do *slow life – slow fitness, slow reading, slow food, slow design* – a indicar tempos e espaços vazios e silenciosos como alternativa ao stress digital.

O incremento de problemas associados à mobilidade urbana, insegurança, medo da violência, crise de recursos financeiros e naturais, indicam propensão ao enclausuramento. Para DEC, inclusive,

cada vez mais vai se tentar viver, trabalhar, ter o filho perto, tudo num microespaço dentro da cidade. a tendência é praticidade, não perder tempo. Continuar essa coisa mais compacta... e buscar o lado ecológico, mais aberturas, janelas maiores, luz natural, isso não tem como fugir. E a tecnologia vai auxiliar nisso também. estão aparecendo esses complexos multiuso, que tem esse espaço de convívio, uma torre comercial, uma torre residencial, tudo integrado no mesmo conjunto. É a otimização do espaço interno e externo. O cara vai morar ali, vai descer e vai ter várias opções ali embaixo e se possível vai trabalhar ali na outra torre. Então ele não vai perder tempo no trânsito, é uma situação muito confortável. e tem essa coisa da segurança, de ficar em casa... isso no Urbanismo seria um mini-núcleo. Mini-nucleos urbanos dentro do grande núcleo. Seria uma pequena cidade dentro da cidade (DEC).

Expressão atualmente usual encontrada nas edições do Caderno Casa&Cia, a arquitetura nômade, mais do que registrar prática corriqueira, mostrou-se uma tendência, a exemplo das casas contêineres.

A sofisticar a arquitetura nômade, encontrou-se a “casa do futuro”. Trata-se de um projeto de casa modular sustentável, de alta tecnologia. Apesar de jovem, o empreendimento, premiado internacionalmente, já se consolidou no mercado de aluguel e venda de arquitetura nômade, podendo ser transportada na caçamba de um caminhão. A ideia da casa do futuro surgiu da correria dos empreendedores gaúchos entre uma feira e outra. Queriam algo inteligente, que exigisse menos esforço físico e fosse mais sustentável. Assim, as pessoas podem locar módulos, que são montados como um “lego”. Uma estrutura modular de 32 metros quadrados, com soluções inovadoras e criativas, acionadas pelo *smartphone*. A cama, pode ser coberta por um tablado, onde se instala, saindo da parede, uma mesa para *home office* (Figura 9). A casa é equipada com placas fotovoltaicas (energia solar), gerador

eólico e sistemas para armazenamento da água da chuva e aquecimento da água do chuveiro. Esse projeto chegou a percorrer 22 mil quilômetros em um ano de casa *foldable*. Um novo passo será atender refugiados e atingidos por desastres naturais.

Figura 9 – Tendências



Fonte: CALAFA, 2015, p.8.

A domótica, por sua vez, atrela-se à casa do futuro. Arquitetura inteligente, edifícios inteligentes, conforto e segurança derivados de novas tecnologias. O objetivo é o bem-estar do usuário, priorizando o conforto interno, segurança dos habitantes e comunicação, através da automação residencial. O desenvolvimento destas possibilidades continua a buscar o encontro com a espacialidade híbrida, já apontada por Requena (2007) na década passada.

As tendências ressaltam o uso de novas tecnologias a fim de promover a ampliação da mobilidade, reforçando uma das características da vida líquida, vivida na sociedade líquido-moderna.

4.3 HOMEOFFICING: UMA ESTRATÉGIA DE VIVER A VIDA

À medida em que o trabalho imaterial se realiza em qualquer tempo e em qualquer espaço, tornou-se possível associá-lo a uma estratégia de viver a vida, que se visibiliza nos redesenhos do espaço doméstico, de modo a torná-lo integral e suficientemente estimulante e eficiente para a produção e rentabilização do indivíduo.

Assim o faz pela instrumentalização do próprio lar que deixa de ser apresentado com destaque aos *webspaces*, escritórios e *home offices*, conforme se verificou a partir do Caderno Casa&Cia e dos informantes-chave.

Hoje, acho que as pessoas entendem o *home office* mais como uma escolha de vida do que ser uma profissional bem-sucedida ou não. Tá tudo muito ruim, o trânsito, a violência, é caro criar uma estrutura para deixar o filho e sair para trabalhar. Hoje tu é visto como uma empresa, porque são mais comuns trabalhos em que cada um trabalha da sua casa. Na minha área é quase um sonho de consumo fazer *home office*. É bacana trabalhar de forma mais autônoma (ART).

Ilustra-se, portanto, uma estratégia de viver a vida, em que o substantivo concreto *home office*, referente ao espaço da casa destinado ao trabalho, se amplia na forma de ação, “fazer *home office*” – *homeofficing* –, conforme expresso na fala de ART. Mais do que uma mudança semântica, “fazer *home office*” indica uma ação, uma relação de trabalho ininterrupto, que deixa de ocupar tempos e espaços específicos para ocupar integralmente a vida.

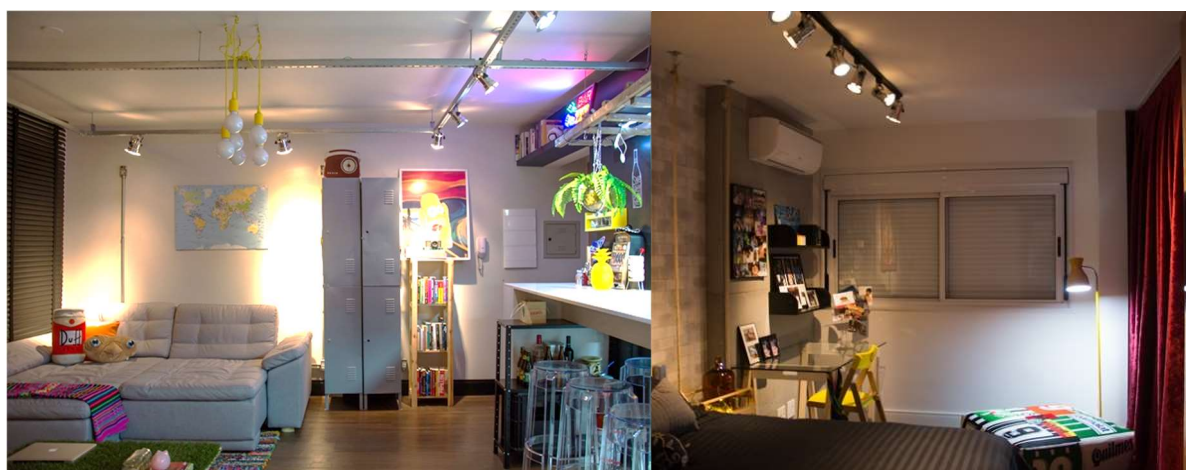
Homeofficing parece ser uma ação-movimento que reforça a questão da gestão de si. O indivíduo se mostra mais competitivo, permanentemente disponível, invocado a tomar decisões o tempo todo, sem a necessidade de um “escritório fixo, mas de um escritório que ele carrega consigo” (GAULEJAC, 2007, p. 111).

A matéria intitulada “Chove Criação” (PRESTES, 2015, p.12) apresenta a produção de um *designer* de 40 anos que transita entre as artes plásticas, a arquitetura e o *design*. Com formação em Artes Visuais e em Arquitetura, há 25 anos desenhava as próprias roupas e tinha uma grife de moda; há 10, lançou uma coleção de joias. Hoje dedica a maior parte do tempo a projetos desenhados a lápis, em cadernos ou guardanapos, de dia ou de madrugada, de segunda a domingo, também em seu próprio espaço doméstico. É algo corriqueiro para ele criar estando envolvido pelo aroma da cozinha, degustando um espumante, enquanto o companheiro, com quem está casado há um ano, prepara o jantar. Sua inspiração surge a qualquer momento e lugar, como as peças da Coleção Chuva (Figura 10), que remetem a gotas d’água. O *designer* oferece “uma forma macia a um material que aparenta rigidez” (PRESTES, 2015, p.12), podendo ser imediatamente associada à ideia da liquidez proposta por Bauman (2001).

Figura 10 – Homeofficing I

Fonte: ROMANO, 2015, p.12.

O redesenho do espaço doméstico de um jovem humorista resultou em móveis e objetos do cotidiano utilizados em múltiplas funções; cortinas a separarem o *closet* do quarto, a cozinha americana da lavanderia; bancos transparentes e luminárias suspensas; uma caixa de feira pendurada por corda de balanço como mesa de cabeceira; papel de parede a imitar tijolos à vista; canto de trabalho com mesa de tampo de vidro e um *notebook* que se encontra na mesa de centro da sala.

Figura 11 – Homeofficing I

Fonte: EDLER, 2015, p.4

O campo sugere que o trabalho imaterial, assim como proposto por Deleuze (1992) para o pensamento nômade, não se trata de fazer longas jornadas pelo mundo, pelo contrário, está relacionado com o estado de espírito do indivíduo e pode acontecer sem que saia de casa, em contínuos redesenhos do espaço doméstico e de si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou identificar e analisar interferências do trabalho imaterial em redesenhos do espaço doméstico e sua possível ilustração de uma estratégia de viver a vida. A revisão da literatura, bem como o corpus de pesquisa mostraram-se pertinentes e suficientes para o presente estudo.

A apresentação e análise dos resultados foi integrada em três categorias, concebidas *a posteriori*: (i) visibilização da temática no Caderno Casa&Cia; (ii) redesenhos do espaço doméstico e (iii) *homeofficing*: uma estratégia de viver a vida.

O estudo mostrou-se relevante ao apresentar interferências do trabalho imaterial nos redesenhos do espaço doméstico como uma estratégia de viver a vida que visa à rentabilização de si (GAULEJAC, 2007) e relaciona-se à estratégia existencial consumista (BAUMAN, 2008), por meio da instrumentalização do lar.

Considerou-se que o *homeofficing*, mais do que o *home office*, indica uma possibilidade de acréscimo à discussão e compreensão do trabalho imaterial e de seus efeitos no sentido de avançar sobre todos os redutos da vida vivida. A fim de sustentar a estratégia existencial consumista, sem cerimônia o trabalho imaterial invade o lar e faz rentabilizar o que até então se considerou refúgio, espaço da intimidade e da privacidade, mesmo que aos olhos do indivíduo tal fenômeno se apresente reduzido à mera decoração, levando a crer que a vida líquida é mais imposta do que almejada.

Futuros estudos poderão ampliar a discussão ao contemplarem, por exemplo, especificidades de gênero, classe e geração.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, J. K. D. ; MARANHÃO, C. M. S. de A. ; PEREIRA, J. J. . Teletrabalho: Uma arena de Discussões. In: XXV Enangrad, 2014, Belo Horizonte.
- BARBOSA, J. K. D. ; MARANHÃO, C. M. S. de A. ; PEREIRA, J. J. . Sobre o Tempo Livre na Era do Teletrabalho. In: V EnGPR, 2015, Salvador. Sobre o Tempo Livre na Era do Teletrabalho, 2015.
- BARROS, A. M.; SILVA, J. R. G. da. **Percepções dos indivíduos sobre as consequências do teletrabalho na configuração home-office: estudo de caso na Shell Brasil**. Cad. EBAPE.BR, vol.8, nº.1. Rio de Janeiro, Mar. 2010.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.
- BAUMAN, Z. **Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2011.
- BOHN, Divulgação. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.919, p.8, abr.2016a.
- BOHN, Divulgação. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.926, p.6-7, jun.2016b.
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.
- CALAFÁ, D. Divulgação. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.901, p.8, dez.2015.
- CALDEIRA, T. P. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000.
- COSTA, I. de S. A da. **Poder/Saber e Subjetividade na Construção do Sentido do Teletrabalho**. Tese (Administração). Rio de Janeiro, Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas - Fundação Getúlio Vargas, 2003.
- COSTA, I.de S. A. da. **Teletrabalho: subjugação e construção de subjetividades**. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, pp. 105-124, Jan./Fev. 2007.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Editora 34, 1992.
- DONADUSSI, M. Divulgação. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.886, p.6-8, set.2015.

ECCEL, C. S.; GRISCI, C. L. I.; TONON, L. Representações do corpo em uma revista de negócios. **Psicologia & Sociedade**, 22(2), p. 309-317, 2010.

EDLER, C. Divulgação. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.889, p.6-8, set. 2015.

EDLER, C. Divulgação. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.928, p.6-8, ago. 2015a.

ELEB, M. Lugares, gestos e palavras do conforto em casa. **VIRUS**, São Carlos, n. 5, jun.2011.

FLACH, L.; GRISCI, C. L. I.; SILVA, F. M.; MANFREDINI, V. Sofrimento psíquico no trabalho contemporâneo: analisando uma revista de negócios. **Psicologia & Sociedade**, 21(2), p. 193-202, 2009.

FREITAS, O. Divulgação. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.883, p.10, ago.2015.

FREZZA, M.; GRISCI, C. L. I.; KESLER, C. K. Tempo e espaço na contemporaneidade: uma análise a partir de uma revista popular de negócios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 13, n. 3, p. 487-503, 2009.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

GODOY, L.; FERREIRA, M.G.G; SANTOS, C.T. Multifuncionalidade Aplicada ao Projeto de Mobiliário para Espaços Reduzidos. **Estudos em Design**, v. 23, n. 2, p. 1-15, 2015.

GORZ, A. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

GRISCI, C. L. I.; BORTOLINI, A. C; Trabalho Imaterial e Espaço Doméstico Contemporâneo: uma análise a partir da Revista Casa Cláudia [2006-2016]. 2016.

GRISCI, C. L. I.; BORTOLINI, A. C. Trabalho Imaterial e Espaço Doméstico Contemporâneo: um olhar sobre a realidade lisboeta. 2016.

GRISCI, C. L. I. Trabalho Imaterial, Gestão e Subjetividade e a Estratégia de Inventar a Vida. 2014 . projeto cnpq

GRISCI, C. L. I.; SANTOS, W. S. F. D.; TEIXEIRA, R.; GOMES, W. R.; MACHADO, F. S. Carreira e Sucesso em uma Revista de Negócios: Análise à Luz da Quantofrenia Gerencialista. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 14, n. 1, p. 19-30, 2015.

GRISCI, C. L. I. **Trabalho imaterial**. In: A. D. Cattani & L. Holzman (Orgs.).

- Dicionário de trabalho e tecnologia. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006, pp. 327-329.
- GRISCI, C. L. I. Trabalho imaterial, controle rizomático e subjetividade no novo paradigma tecnológico. **RAE-eletrônica**. São Paulo. Vol. 7, n. 1, 2008.
- GROPPI, D. Divulgação. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.905, p.10, jan.2016.
- KOVÁCS, I.; CASTILLO, J.J. **Novos Modelos de Produção**. Oeiras: Celta Editora, 1998.
- LAZZARATO, M; NEGRI, A. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- LEMONS, C. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996.
- LIGNE, E. Espelho Adonis. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.923, p.10, mai.2016.
- MAIOLI, F. *Fast is finished*. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.903, p.10, dez.2015.
- MAYNART, R. Galpão chique. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.919, p.8-9, abr.2016a.
- MAYNART, R. Múltipla escolha. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.928, p.6-10, jun.2016b.
- MENDONÇA, M. **A inclusão dos “home offices” no setor residencial no município de São Paulo**. 2010. Tese de Doutorado. FAUUSP.
- MINAYO, M. C. S. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PELBART, P. P. Rizoma Temporal. **Educação, Subjetividade e Poder**, Porto Alegre, v.5, n.5, p.60-63, jul/1998.
- PELBART, P. P. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- PINTO JÚNIOR, R. A. Casa substantivo feminino: representação do espaço arquitetônico em Casa e Jardim e Casa Claudia, na era das grandes revistas. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, v. 18, n. 30, p. 120-137, dez. 2011.
- PINTO JÚNIOR, R.A. A pedagogia estética e as representações de ambiência: os periódicos de arquitetura no final do século 20 no Brasil. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, v. 20, n. 33, p. 216-227, jun. 2013.
- PRESTES, E. Comportamento aplicado. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.882, p.2, ago.2015a.

PRESTES, E. Chove criação. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.894, p.12, out.2015b.

PRIOR, L. Documents. In: SEALE, Clive et al. (Eds.) **Qualitative Research Practice**. London: Sage, 2004.

REQUENA, C. A. J. **Habitar híbrido: interatividade e experiência na era da cibercultura**. 2007. Dissertação de Mestrado. FAUUSP.

ROMANO, L. Banco Chuva. 2015. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.894, p. 12, out.2015b.

SACCOMORI, C. Garimpo vintage. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n.883, p.6-8, ago. 2015a.

SACCOMORI, C. Layout versátil. **Caderno Casa&Cia**. Porto Alegre, n. 886, p. 6-7, set. 2015b.

SCRIBANO, A.; DE SENA, A. Las segundas partes sí pueden ser mejores: algunas reflexiones sobre el uso de datos secundarios en la investigación cualitativa. **Sociologias**, v.11, n. 22, 2009.

TRAMONTANO, M.; MARTINS, M. J.; LANDIM, G.; DIGIANDOMENICO, D.; ROÇA, L. É parametrização, baby!. **V!RUS**, São Carlos, n. 11, 2015.

TRAMONTANO, M. Habitações, metrópoles e modos de vida. Por uma reflexão sobre o espaço doméstico contemporâneo. **São Carlos: Nomads.usp**, 1997.

TRAMONTANO, M. **Novos modos de vida, novos espaços de morar, Paris, São Paulo, Tokyo: uma reflexão sobre a habitação contemporânea**. 1998. Tese de Doutorado.

TRAMONTANO, M.; BENEVENTE, V. A. Comportamentos & espaços de morar: leituras preliminares das e-pesquisas Nomads. **São Carlos: Nomads.usp**, 2004.

TRAMONTANO, M.; NOJIMOTO, C. Design Brasil fim de século: comparação entre compilações nacional e internacional. **São Carlos: Nomads.usp**, 2003.

TRAMONTANO, M., PRATSCHKE, A., MARCHETTI, M. **Um toque de imaterialidade: o impacto das novas mídias no projeto do espaço doméstico**. In: Del Rio, V.; Duarte, C.; Rheingantz, P. (Org.). Projeto do lugar. Rio de Janeiro: Contracapa/ProArq, 2002, v. 1, p. 341-356.

VASCONCELOS, N. A. **Semiologia do Espaço Construído**. In: Del Rio, V.; Duarte, C.; Rheingantz, P. (Org.). Projeto do lugar. Rio de Janeiro: Contracapa/ProArq, 2002, v. 1, p. 161-166.

VERISSIMO, F. S.; BITTAR, W.S.M. **500 anos da casa no Brasil. As transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia**. 2ª edição,

Rio de Janeiro, Ediouro, 1999.

VILLA, S. B. O produto imobiliário paulistano: uma crítica à produção de apartamentos ofertados no mercado imobiliário a partir de 2000. **V Seminário Internacional da LARES (Latin American Real Estate Society)**, 2006.

APÊNDICE A – ROTEIRO BÁSICO DE ENTREVISTA COM INFORMANTES- CHAVE

- 1) Considerando teus projetos mais recentes, o que tem sido solicitado pelos clientes? Que tipos de projetos tu tens realizado recentemente? Por quê?
- 2) Há indícios de relação entre as demandas dos projetos e o trabalho dos clientes? Essas pessoas trabalham ou desejam trabalhar em casa? Por quê?
- 3) Como é o período de execução do projeto? Como é concretizado?
- 4) Quais as tendências dos modos de habitar?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

Você está sendo convidado a participar de um estudo sobre estratégias de viver a vida nos espaços domésticos. Sua participação consiste em uma entrevista à pesquisadora. A entrevista será gravada, transcrita e enviada por e-mail para a sua validação. Posteriormente, os dados serão analisados por meio da análise de conteúdo com o objetivo de refletir e discutir acerca do tema da pesquisa. Todas as informações e materiais serão utilizados somente para fins científicos e sua identidade será preservada. Você poderá desistir da participação na pesquisa a qualquer momento, cabendo avisar a pesquisadora. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa poderá ser solicitada à pesquisadora por meio do telefone 051-9232-8076 ou pelo e-mail anacsbortolini@gmail.com.

A pesquisadora do projeto é a aluna Ana Carolina dos Santos Bortolini, estudante do Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Administração, da Escola de Administração, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que está sob orientação da Profa. Dr^a Carmem Ligia Iochins Grisci.

Eu, _____ aceito participar da pesquisa descrita neste documento.

___/___/___

Assinatura da Orientadora

___/___/___

Assinatura da Pesquisadora

___/___/___

*Documento em duas vias, uma para a pesquisadora e outra para o participante.